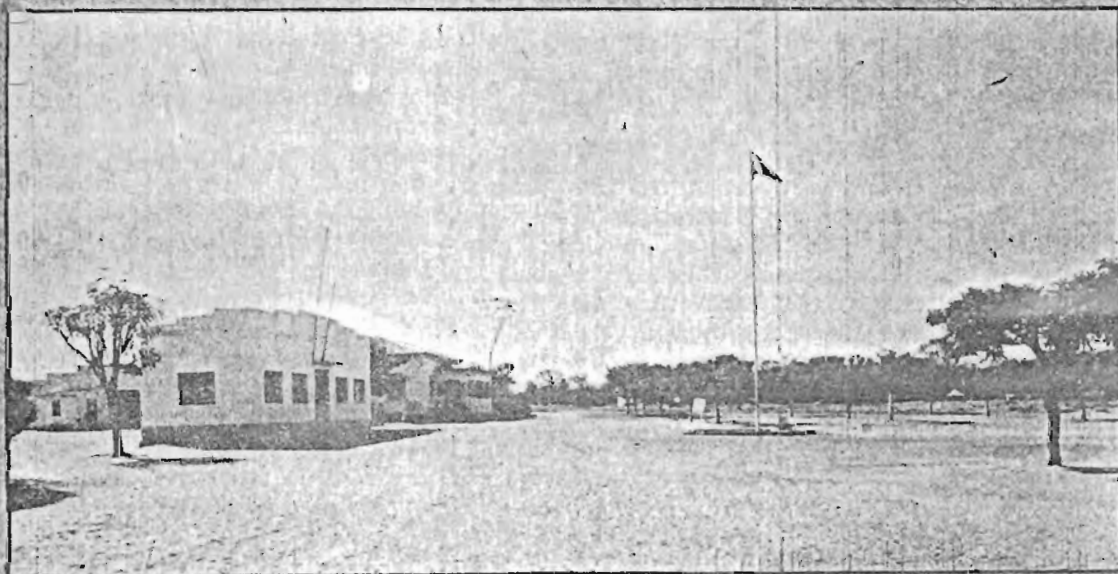




MACHAZE

Nascimento de uma cidade



Texto:
Arlindo Lones
Fotos:
Luís Souto



Com a presente
reportagem,
iniciamos
a publicação
de
alguns artigos
sobre o
desenvolvimento
da situação
política, militar e
económica
no Distrito
de Mossurize
pelos nossos
enviados
à Província
de Manica.

Machaze é uma cidade em construção. Numa manhã de Agosto, grupos de homens empunhando catanas, cortam as estacas com que erguem uma nova casa, no futuro bairro comunal. À primeira vista, um antigo «posto administrativo» como este, situado na Província de Manica, com motobomba, moagem e cantinas atrai sempre novos habitantes. Contudo, o extraordinário crescimento da população de Machaze nos últimos dois meses (de 97 para 4 mil habitantes!), tem uma explicação específica.

Foi ao longo de doze dias de permanência nesta localidade que nos apercebemos da nova realidade. Segundo nos informariam responsáveis locais, a maior parte destes novos residentes encontrava-se, até há pouco tempo, dispersos pela zona onde viviam aterrorizados pelos grupos armados da auto-intitulada «Resistência Nacional Mo-

çambicana», ou «África Livre». O acampamento principal destes grupos, em 1980, foi destruído pelas forças armadas moçambicanas (FPLM), nas montanhas de Mossurize. Contudo alguns sobreviventes dispersaram-se, tendo prosseguido com as suas acções criminosas contra populares e bens do Povo e do Estado em áreas remotas.

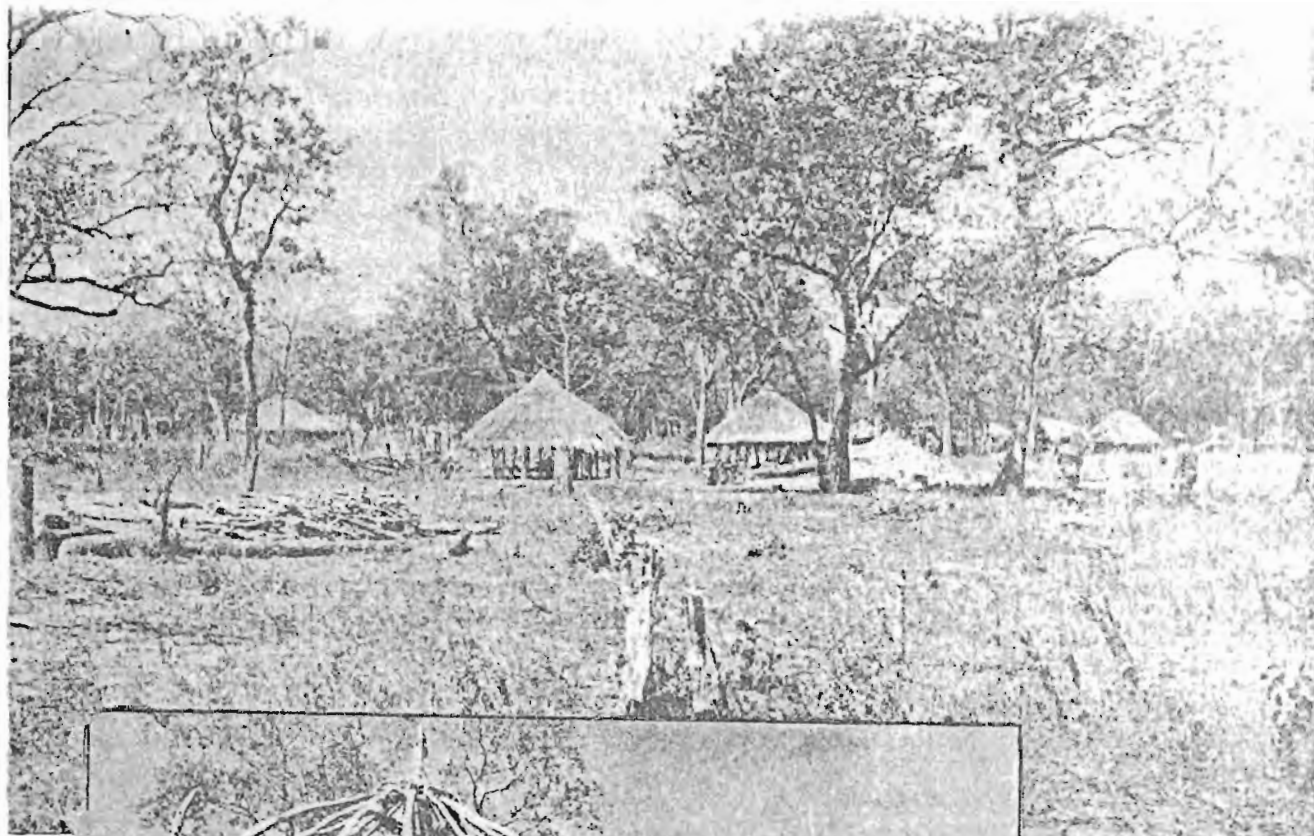
Ao mesmo tempo que continuam a decorrer presentemente acções militares, de «limpeza» contra tais grupos, o projecto de construir a cidade de Machaze é uma medida da maior importância para o desenvolvimento sócio-económico, e também imprescindível para a estabilidade política na zona.

DETERMINAÇÃO E HEROÍSMO

Chegámos a Chitobe, sede da localidade de Machaze, situada a



No intervalo das actividades diárias, o regresso a casa ou um passeio às cantinas.



Onde era apenas mato, surge um futuro bairro



A construção de habitações provisórias é uma das preocupações das pessoas recém-chegadas à sede da localidade de Machaze

cerca de 180 quilómetros a sul de Chimoio ao fim de uma manhã de voo. Viajámos, a partir da Beira, durante cerca de uma hora, num helicóptero da Força Aérea de Moçambique, elo de ligação mais funcional para esta região. Ainda do ar, vimos a grande proporção física do projecto da futura cidade, constituída por um núcleo de casas em alvenaria que se prolongam por numerosas construções provisórias, na periferia. Ao aterrarmos sob uma nuvem espessa

de poeira, surpreende-nos o ar tranquilo das pessoas que nos saudam, a sensação de bem-estar que nos é transmitida também pelas sombras das árvores alinhadas no terreno defronte dos edifícios da sede da localidade. Estávamos efectivamente longe de imaginar a calma e determinação que encontrámos.

A sede da localidade de Machaze, compreende, como já se disse, uma vasta área central, onde se situam os serviços administrativos,

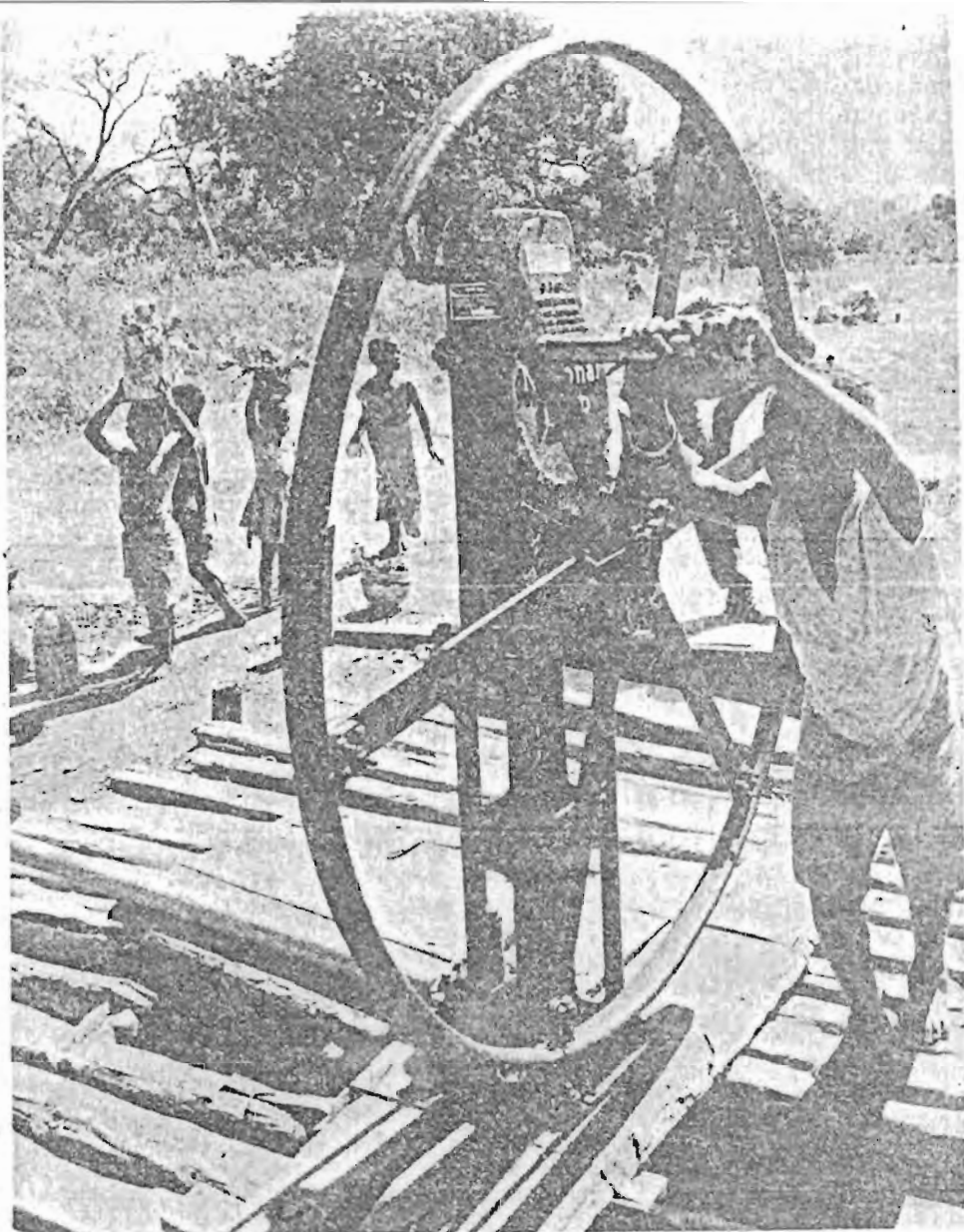
o posto sanitário, a moagem e a escola principal. As zonas habitacionais adjacentes estão divididas em quatro bairros. O primeiro, logo à saída, em direcção à Estrada Nacional, é constituído por uma série de habitações antigas, desalinhadas, onde vive a maior parte dos habitantes originais de Chitobe, tal como nos aglomerados a sudoeste (4.º bairro). No 2.º e no 3.º concentram-se a população recém-chegada de algumas aldeias vizinhas, afectadas pela reacção armada.

A Nordeste, cerca de dois quilómetros e meio da sede, situa-se um dos conjuntos habitacionais mais bem organizados. As suas construções, já alinhadas, estendem-se até perder de vista, apesar de aí se manterem grande parte das árvores para sombra. Detemo-nos numa das casas. É uma construção inacabada, feita com material local, mas patenteando já bom gosto e iniciativa. Através das paredes por maticar, vêem-se: uma cama com colchão, um rádio-móvel, duas grandes malas e uma bicicleta. O chefe da família, Josefa Pande, re-

cebe-nos cordialmente com a expressão — Mamuke — saudação tradicional no dialecto Xindanda (da língua Xindau). As mulheres acompanham a expressão com uma inclinação da cabeça e flexão das pernas. Como esteve várias vezes no Jone, como a maioria dos homens de Machaze, Josefa expressa-se também fluentemente, em Changana. Diz-nos que se encontra aqui há três meses. Na sua aldeia natal — Naunezi, a cerca de 15 quilómetros de distância — os «bandidos» tinham-lhe extorquido dinheiro e a maior parte dos bens, fruto do seu trabalho nas minas da África do Sul e nas marchambas. «Fico aqui definitivamente» responde a uma pergunta nossa.

Arde de sábado é dia de actividade normal em Chitobe. Durante quase todo o dia, as pessoas dedicam-se às limpezas da mata ou às construções. Contudo, Domingo é um dia de lazer, em que as famílias estão reunidas para beber «Pombe» (bebida fermentada de mapira) e dançar ao som do «Gumba-Gumba». Para ir ao fontenário, as solteiras vestem as suas capulanas mais vistosas... E, os mais novos jogam futebol.

Todavia, além do trabalho e da recreação, há outras tarefas que de modo algum se podem descuidar, nomeadamente a da vigilância para garantir a paz na zona. É uma tarefa não só das FPLM, mas também assumida pelos milicianos, entre os quais se forjam já



A água escassela nesta zona. Contudo para a população da localidade sede de Machaze ela já não constitui um problema

CONSTRUIREMOS CIDADE EXEMPLAR

● Administrador de Machaze à TEMPO

O Administrador da Localidade de Machaze, João Dumissane Macumba, é jovem e magro. É extremamente simples e um pouco tímido. Como cidadão, é um trabalhador incansável. Como dirigente do Partido e Estado ele é zeloso e mobilizador.

Conhecê-lo ajuda a compreender o passado recente de Machaze. Nos momentos mais difíceis (estávamos completamente cercados, aqui, pelos «bandidos», afirma) soube resistir e inculir confiança às populações. Até as datas festivas de 7 de Abril, de 1 de Maio e do Dia Internacional da Criança foram aqui celebradas festivamente como em qualquer outro canto do País. Isto, quando se encontrava, desde o princípio deste ano, sem contactos com a sede da Província.

Desde que a situação melhorou, a partir de Junho, o Administrador não tem mãos a medir. Pode-se encontrá-lo facilmente nos bairros, reunindo com as populações, ou na sede do Comité de Localidade, com os colaboradores mais próximos. Raras vezes no seu gabinete. E, encara o futuro com justificado optimismo.

verdadeiros heróis. Como, por exemplo, Samuel Maphossa. Certo dia, este miliciano encontrava-se na sua aldeia natal, a cerca de 25 quilómetros de Machaze, quando dois elementos armados da África Livre nela se infiltraram. Embora desarmado, montou-lhes uma emboscada à saída, onde conseguiu desarmar e abater um deles. O outro, surpreendido e julgando-se cercado por um grupo de milicianos, abandonou a bicicleta que havia roubado à população, pondo-se em fuga.

DA RESISTÊNCIA AO COLONIALISMO À LUTA CONTRA «BANDIDOS»

Contar-nos-iam, ao outro dia, que Chitobe tinha sido o centro de um antigo reino que no século passado se aliou a Gungunhana. Após a derrota deste herói da nossa história contra a ocupação estrangeira, os colonialistas portugueses

colocaram no poder um seu lacaios, acelerando deste modo o processo de enfraquecimento e destruição das estruturas de poder tradicionais. Entre os que tentaram resistir ao colonialismo, muitos foram deportados para a Ilha de S. Tomé, incluindo um régulo que se recusava a colaborar na exploração do povo através da cultura do algodão.

«Nessa altura — recorda um velho residente — esta região era mais fértil, pois além do algodão, produzia milho, mapira, feijão, batata doce, gergelim, mexoeira». Segundo Simone Mateja Saize, as lagoas próximas encontravam-se na altura cheias de água. Hoje a situação é bem diferente: a produção dos camponeses não pode ser escoada devidamente, devido à situação de instabilidade prevalente. Dezenas de toneladas de castanha de caju das últimas campanhas corre o risco de perder-se definitivamente a não ser que se escoem nos próximos meses.

As lagoas, em grande parte, só têm água numa dada altura do ano. No tempo seco, a água só pode ser encontrada em lugares limitados ou então tem de ser elevada de poços subterrâneos por intermédio de motobombas. Após a proclamação da Independência Nacional, a região de Machaze, que se situa a cerca de 60 quilómetros da fronteira com o Zimbábue, foi um dos alvos das agressões do exército de Ian Smith, cujo regi-



Uma oficina improvisada para a reparação de bicicletas, meio de locomoção muito usado nesta zona

Uma vez garantida a segurança, podemos trabalhar melhor com o Povo. Tenho a certeza de que vamos transformar Machaze numa cidade exemplar.

Acedendo ao nosso pedido, respondeu a algumas perguntas.

Como é que se tornou administrador desta localidade?

— Eu encontrava-me na sede do distrito de Mossurize em Espungabera, onde já fui secretário do Partido para o Trabalho Ideológico e membro do Conselho Executivo. Em princípios do ano passado, fui escolhido para frequentar um curso de administradores, findo o qual aqui me colocaram.

Há, portanto, muito tempo que se encontra nesta zona afectada pela agressões...?

— Desde 1976. Enfrentámos, primeiro, as agressões do exército de Ian Smith em Espungabera. Mais tarde, apareceram os «bandidos» da África Livre, pela mão dos rodesianos. Estes acamparam em Mutevo, donde partiram para desencadear o primeiro ataque a esta localidade, em 1979. A força que se encontrava para proteger Machaze era bastante reduzida, pelo que conseguiram assaltar a sede e destruir muitos bens. Perdemos muitos elementos da população.

Qual é a forma de actuar dos «bandidos», nesta região?

— Quando chegam aos círculos, eles contactam os antigos régulos que lá se encontram. Estes indicam-lhes quem são os membros dos grupos dinamizadores que são logo, geralmente, assassinados. Depois, intimidam a população,

me é igualmente responsável pela criação dos grupos da «África Livre». Estes prosseguiram as suas acções, mesmo após a Independência do país vizinho. Desta vez, segundo afirmam os prisioneiros, apoiados pelo regime racista da África do Sul.

Após a «Operação Leopardo» as perspectivas de paz aumentaram. Contudo voltaram a verificar-se acções destes grupos com certa intensidade, a partir dos fins do ano passado. Conforme nos disse um miliciano da área, alguns dos sobreviventes daquela operação militar refugiaram-se em Chagonjo, relativamente perto de Machaze, onde cresceram graças ao recrutamento forçado e treino de novos elementos. Assim continuaram a queimar aldeias comunais, cantinas e cooperativas; assassinaram membros dos grupos dinamizadores. Daí o facto de a população da zona viver em condições miseráveis, passando privações de toda a ordem. Afirmaram-nos, por exemplo, que a população não comia sal há, pelo menos dez meses.

É NECESSÁRIA COLABORAÇÃO DE TODAS AS ESTRUTURAS

Deste modo a presença e acção das forças armadas, a partir de Junho, é um factor fundamental para restabelecer a estabilidade nesta região. Como dizia o Comis-

sário Político das unidades militares em Machaze, «combater o banditismo é uma forma de garantir não só a paz, como também a produção agrícola e o escoamento dos produtos, isto é, a nossa participação na batalha económica, conforme a orientação dada pelo Comandante-em-Chefe das FPLM».

«Nós viemos para ficar» — diria, por sua vez, um alto dirigente do Partido e do Estado, ao dar início ao programa de Machaze. Desenvolvendo esta ideia, o Comissário Político em Machaze explicar-nos-ia que o papel das FPLM,

logo após o restabelecimento das condições de segurança, é apoiar a mobilização e organização das populações, cuja adesão a este programa, conforme o atesta a afluência diária de novos habitantes, é deveras positiva.

Trata-se, contudo, de uma experiência nova que, como não podia deixar de ser, já revela algumas lacunas que devem ser urgentemente preenchidas. As lojas, por exemplo, embora reabertas ou em condições para tal, têm por vezes falta de sal, açúcar, sabão e outros géneros necessários. Ainda não se



Ao domingo, um passeio descontraído...

a quem tentam aliciar, mais tarde, apoiando determinados hábitos tradicionais negativos como a poligamia e a superstição. Depois, devolvem o poder aos régulos.

Que medidas se tomaram contra estes grupos armados?

— A sua 1.ª base, «nesta zona», foi destruída durante a «Operação Leopardo», permitindo-nos deste modo retomar certas actividades político-económicas, nas áreas afectadas. Porém, mais tarde, grupos sobreviventes daquela acção fixaram-se em Chindenja, onde recrutaram e treinaram novos elementos. Daí partiram para queimar a Aldeia Comunal de Bassane, a 25 quilómetros de Machaze, que era grande e com boas perspectivas de desenvolvimento. Em Chechene também foram queimar e destruir uma cooperativa agrária, com mais de 50 hectares. Isto, além de outras destruições, tendo

como alvos infra-estruturas comerciais e industriais. O seu último objectivo era isolar esta sede completamente.

Como vê actualmente o futuro desta localidade?

— Estou muito animado. Com a garantia de defesa e estabilidade que se começa a sentir, já podemos trabalhar à vontade com as populações. O seu estado de espírito, quando se vêem livres dos bandidos, é muito positivo. É necessário enquadrá-las.

Que dificuldades de maior prevê neste processo?

— É necessário um maior apoio das estruturas superiores, a começar pelas provinciais. Principalmente, no que respeita a quadros partidários e estatais competentes para organizar o povo. É importante não se perder de vista esta base social.

“ÁFRICA LIVRE”: O QUE É?

A chamada «África Livre», foi criada — conforme a nossa revista publicou recentemente (Ver Tempo n.º 562) — pelos serviços secretos do antigo regime ilegal de Ian Smith, sendo composta por antigos membros das forças repressivas do regime colonial português em Moçambique: PIDES, GES, COMANDOS e FLECHAS, enquadrados por conhecidas figuras sinistras do colonialismo e alguns desertores das FPLM.

As primeiras missões destinadas ao grupo foram as de os seus elementos servirem como guias ao exército rodesiano. Mais tarde, receberam tarefas de espionagem e tentativas de assassinar dirigentes do nosso País e da Frente Patriótica do Zimbábue, assim como realizar outros atentados em lugares públicos. Para tentar apresentar este grupo como «dissidentes», o regime rodesiano dotou-o ainda de uma emissora de rádio (A voz da Quizumba) e deu-lhe todo o apoio logístico, moral, político e, inclusivamente alimentar.

Foi assim que o grupo conseguiu infiltrar, dentro de Moçambique, alguns homens, que cometeram crimes publicamente já conhecidos na Estrada Nacional Número 1, queimaram lojas e outros bens do povo e

o Estado. Após a independência do Zimbábue, conforme declarações feitas por prisioneiros, a África Livre passou a receber ordens directamente do regime racista da África do Sul, onde presentemente tem o seu santuário.

Aquando da realização da Operação Leopardo, há pouco mais de um ano, as Forças Armadas de Moçambique (FPLM) atacaram e destruíram a base principal destes grupos, nas montanhas de Mossurize. Porém, os sobreviventes, que não puderam ser apanhados ou render-se, dispersaram-se para voltarem a reagrupar-se, mais tarde, noutras zonas. Ai continuam a praticar as acções criminosas que os caracterizam: assassinatos, saques, destruição de pontes e estradas. Por isso, decorrem operações militares de limpeza, em toda a região afectada.

De salientar que, tal como foi revelado no final da Operação Leopardo, encontram-se alguns zimbabueanos, antigos «auxiliares de Muzorewa», no seio dos grupos da África Livre. Da mesma forma, o «Special Branch» (ramo das operações militares dos serviços secretos sul-africanos) utiliza naturais de Moçambique para combaterem contra a SWAPO, na Namíbia. Enfim, são peões de uma estratégia já conhecida do regime de Pretória, de desestabilizar os países como Angola e Moçambique, cuja opção ideológica incomoda o sistema vigente na África do Sul.



... ou um jogo de futebol

encontram abertas machambas nem individuais, nem colectivas, facto que suscita naturalmente apreensões em relação ao futuro. Por outro lado, no plano urbanístico propriamente dito, os bairros nascem e crescem quase empiricamente sem uma orientação adequada. Há também uma pista de aviação em construção, a fim de facilitar as comunicações, pela via mais rápida, com os centros industriais mais próximos. Contudo a sua rápida conclusão depende também de outras estruturas ligadas ao empreendimento.

Tudo isto revela que o projecto de Machaze só poderá ter êxito se todas as estruturas do Aparelho de Estado e do Partido nela envolvidas participarem activamente. Os Ministérios da Agricultura, Comércio Interno, Obras Públicas e Habitação, assim como a Comissão Nacional das Aldeias Comunsais, são apenas alguns dos exemplos mais indicados. Com efeito, o êxito do programa de Machaze ou outros que venham a ser realizados nesta área fronteiriça facilitará ainda mais o cumprimento de quaisquer outros programas existentes, no âmbito nacional. □